

A INFLUÊNCIA DA CULTURA EUROPEIA DO SÉCULO XVIII NAS REFORMAS LIBERALIZANTES DO CZAR PEDRO I, O GRANDE

*THE INFLUENCE OF 18TH CENTURY EUROPEAN CULTURE ON THE LIBERALIZING
REFORMS OF TZAR PETER I, THE GREAT*

Jaime José Krul

Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: jaime_krul@hotmail.com

Tiago Anderson Brutti

Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: tiagobrutti@hotmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v24i2.1005>

Recebido em: 23.07.2022

Aceito em: 18.09.2022

Resumo: Após recuperar o controle sobre seu trono, Pedro I, monarca da Rússia, passou a viajar para o exterior, declarando a finalidade de compensar as lacunas da sua educação. Essa iniciativa desperta o interesse porque, até então, poucos monarcas russos haviam viajado ao exterior em tempos de paz e um número igualmente reduzido havia viajado ao exterior em tempos de guerra. Devido a seu interesse na expansão naval, o Czar escolheu a Inglaterra, a Holanda e Veneza como destinos. Em um selo, gravado antes de sua partida, a inscrição afirmava: “Eu sou um aluno e preciso ser ensinado”. Este artigo tem como objetivo investigar a influência da cultura europeia do século XVIII nas reformas liberalizantes de Pedro, o Grande, o que se dará na forma de uma revisão de literatura sobre o tema. Pedro elaborou um plano para criação da Academia de São Petersburgo, o que implicou em viagens à Europa Ocidental a fim de se familiarizar com os conhecimentos, invenções e novos desenvolvimentos do Iluminismo europeu, e para entrar em contato com homens da ciência e da filosofia. Um dos propósitos do Czar foi elaborar um modelo para modernização da Rússia. Esse fato fez com que se tornasse conhecido pelas reformas políticas, militares e culturais que promoveu na Rússia, fazendo com que Pedro adquirisse a reputação de “Rei Filósofo” ou “monarca iluminado”, pelas características de estar profundamente interessado nas obras de arte e no desenvolvimento de diferentes ofícios, muitos dos quais manuais.

Palavras-chave: Grande Embaixada. Iluminismo. Pedro I. Rússia Imperial. Século XVIII.

Abstract: After regaining control over his throne, Peter I, monarch of Russia, began to travel abroad, declaring the purpose of making up for the gaps in his education. This initiative is of interest because, until then, few Russian monarchs had traveled abroad in times of peace and an equally small number had traveled abroad in times of war. Due to his interest in naval expansion, the Tsar chose England, Holland and Venice as destinations. On a stamp, engraved before his departure, the inscription stated: “I am a



A Revista Missioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

student and I need to be taught”. This article aims to investigate the influence of 18th Century European culture on the liberalizing reforms of Peter, the Great, which will take the form of a literature re-view on the subject. Peter drew up a plan for the creation of the St. Petersburg Academy, which involved traveling to Western Europe to familiarize himself with the knowledge, inventions and new developments of the European Enlightenment, and to make contact with men of science and philosophy. One of the Tsar’s purposes was to devise a model for the modernization of Russia. This fact made him known for the political, military and cultural reforms that he promoted in Russia, making Peter acquire the reputation of “Philosopher King” or “enlightened monarch”, for the characteristics of being deeply interested in the works of art and the development of different crafts, many of which are manuals.

Keywords: 18th Century. Enlightenment. Great Embassy. Imperial Russia. Pedro I.

1 Considerações iniciais

Este artigo tem como objetivo investigar a influência da cultura europeia do século XVIII nas reformas liberalizantes do Czar Pedro, o Grande, o que se dará na forma de uma revisão de literatura sobre o tema. Após recuperar o controle sobre seu trono, Pedro viajou para o exterior com a finalidade declarada de compensar as lacunas da sua educação (MASSIE, 2015).

Até então poucos monarcas russos haviam viajado ao exterior, ainda mais em tempos de paz. Um número igualmente reduzido havia viajado ao exterior em tempos de guerra. De acordo com Massie (2015), embora a finalidade principal fosse o desejo de aprender, havia uma intenção diplomática, também, como a renovação de uma aliança anti-turca.

Em um selo gravado antes de sua partida, a inscrição referia: “Eu sou um aluno e preciso ser ensinado”. Devido a seu interesse na expansão naval, o Czar Pedro escolheu a Inglaterra, a Holanda e Veneza como destinos (DE SÁ; PEREIRA, 2019). A primeira viagem à Europa, referida como a Grande Embaixada de Pedro I, durou 535 dias, de março de 1697 a setembro de 1698, no início da qual ele viajou incógnito (MASSIE, 2015).

Sob o pseudônimo Peter Mikhailov, passando-se por um voluntário e marinheiro, o Czar com isso teve liberdade para explorar, participou do curso de artilharia de um engenheiro prussiano e recebeu seu certificado de Mestre. Na Holanda, enquanto se vestia como marinheiro holandês, foi trabalhar nos estaleiros navais (CESAR, 2020). Quando visitou o Parlamento em Londres, Pedro I insistiu em escalar as galerias mais altas para poder observar o processo sem ser observado. O Czar registrou tudo, enchendo cadernos de anotações com suas experiências e ideias (DE SÁ; PEREIRA, 2019).

Pedro elaborou um plano para criação da Academia de São Petersburgo, o que implicou em viagens à Europa Ocidental a fim de se familiarizar com os conhecimentos, invenções e novos desenvolvimentos do Iluminismo europeu, e para entrar em contato com homens da ciência e da filosofia. Um dos propósitos do Czar foi o de elaborar um modelo para modernização da Rússia (FIGES, 2017).

Pedro foi reconhecido por suas reformas políticas, militares e culturais, tendo adquirido a reputação de “Rei Filósofo” ou “monarca iluminado”, pelas características de estar profundamente interessado nas obras de arte, bem como no desenvolvimento de diferentes ofícios, muitos deles manuais, como a carpintaria (CESAR, 2020).

2 Influência da cultura europeia do século XVIII nos planos de Pedro para a Rússia

Inicialmente, a comitiva de Pedro passou por Berlim, em 20 de julho, sem que fosse feita uma parada, a qual só ocorreu em Coppenbrügge, em 27 de julho, onde Pedro jantou com Sophie de Hannover (1630-1714), viúva de Ernest-August, de Hannover, e sua filha Sophie Charlotte (1668-1705), que era amiga de Leibniz, filósofo, matemático e diplomata, que foi contemporâneo de Pedro I e se tornou seu amigo e conselheiro (MASSIE, 2015).

Figura 1 – Pedro, o Grande, no estaleiro em Deptford. Obra de Daniel Maclise (1806-1870).



Fonte: Massie (2015).

Além de visitar a Alemanha, onde entrou em contato com homens da ciência e da filosofia, Pedro também viajou para a Holanda, onde aprendeu sobre a construção de navios. Suas viagens também o levaram à Royal Society of London, em 1698, e depois à Académie Royale des Sciences em Paris, em 1717, onde foi eleito “*associe étranger hors de tout rang*”, ou seja, associado estrangeiro além de qualquer classificação (FIGES, 2017).

De acordo com Nascimento e Scheidt (2018), a Grande Embaixada durou dezoito meses e custou à Rússia dois milhões e meio de rublos. Em termos de contribuições práticas, Pedro e seus embaixadores recrutaram mais de oitocentos estrangeiros para trabalharem no serviço russo, sendo que muitos desses homens permaneceriam na Rússia por anos e ajudariam a reformar e a fazer contribuições para a modernização do país (FIGES, 2017).

Embora pouco tenha acontecido após a visita de Pedro a Paris, em 1717, o Estado francês reconheceu, a partir de um importante gesto, seis meses mais tarde, quando elevaram o Czar à Academia Francesa de Ciências por suas vitórias militares sobre a Suécia e em razão do novo *status* da Rússia em relação à Europa, bem como em função de seus esforços para reformar o país de acordo com os valores da civilização europeia contemporânea (CAVALIERE, 2003).

Pedro enviou seu bibliotecário, J. D. Schumacher, em uma turnê pela Europa, em 1721, na esperança de estabelecer uma instituição semelhante na Rússia. Natural de Colmar, na Alsácia, e graduado pela Universidade de Estrasburgo, Schumacher havia apoiado entusiasticamente a criação de uma Academia, o que Pedro havia visto como uma necessidade ao defender que as escolas existentes na Rússia não conseguiram produzir intelectuais civis suficientes (MASSIE, 2015).

De acordo com De Sá e Pereira (2019), ao contrário da Grande Embaixada, que tinha

um objetivo certo a determinar sua rota, o mesmo não pode ser dito acerca da segunda viagem, que não pretendia ser tão longa e extensa, o que se explica em parte pelos desdobramentos da Grande Guerra do Norte. Durante a segunda viagem do Czar, ficou evidente que a Rússia havia se tornado uma potência mundial. A Europa havia mudado bastante depois da Guerra da Sucessão Espanhola e estava passando por mudanças ainda maiores em termos da diminuição do poder da Suécia, antiga hegemonia do norte do continente.

A Grande Guerra do Norte, segundo Churro (2013), provocou uma mudança fundamental na situação política das províncias bálticas. Para o autor, o tratado de paz de Harku Manor, assinado em 1710, foi a realização de um sonho gestado há muito tempo por Pedro, o Grande, no sentido de abrir uma janela para a Europa. E a realização desse sonho teve início com a construção de São Petersburgo e de seu palácio de verão em Kadriorg (Catherinental), assim como vários portos marítimos e fortificações de cidades (NASCIMENTO; SCHEIDT, 2018).

De acordo com Tchernov (1995), o nome da cidade de São Petersburgo foi alterado três vezes com base no clima político do país. Muitos estrangeiros a descreveram como uma das mais belas cidades do mundo, embora autores como Nikolai Karamzin considerassem que foi uma cidade fundada sobre ossos e sangue, pelo fato de uma quantidade significativa da força de trabalho ter morrido durante sua construção (MASSIE, 2015).

Figes (2017) comenta que a obra “Viagem de São Petersburgo à Moscou”, de Alexander Radishchev (1790), ilustra o cenário político e cultural da época. Trata-se de um relato fictício de um viajante anônimo. A obra se tornou um meio de expressão política e literária, passando a ser vista como uma análise da paisagem política e social Imperial russa durante as décadas do crepúsculo do século XVIII.

A jornada de Radishchev representa uma combinação de formas literárias populares à época, principalmente o sentimentalismo e a literatura de aconselhamento. Do ponto de vista filosófico, sua Jornada foi única, sintetizando ideais de dever e de liberdade emprestados da corrente iluminista francesa e alemã, ao mesmo tempo em que refuta muitas das ideias relativas ao direito natural e aos direitos naturais subsequentes (FIGES, 2017).

Observa-se que, quando Catarina II ascendeu ao trono, ela emitiu numerosas leis liberalizadoras, “ukases” (CHURRO, 2013; MASSIE, 2015). Uma delas permitia aos cidadãos trabalhar com prensas para a publicação de praticamente qualquer tópico temático, com possibilidade apenas do que Figes (2017) chamou de “censura nominal”, o que beneficiou o próprio Radishchev, que em 1789 adquiriu uma prensa e publicou 650 cópias de sua obra. Interessante notar como o conceito de lei natural e de direito de Radishchev se distancia da definição de direitos naturais estabelecida por pensadores como Mably e Rousseau, que atribuem uma grande quantidade de liberdades naturais ao indivíduo.

Figes (2021) recorda que, se por um lado, as linhas iniciais de “O Contrato Social”, de Rousseau, estabelecem que “o homem nasce livre, mas em toda parte está acorrentado”, por outro, na obra de Radishchev, no capítulo “Zaytsovo”, é possível observar a posição segundo a qual o homem nasce no mundo igual a todos os outros, têm as mesmas partes do corpo, razão e vontade. Consequentemente, para além da sociedade, o homem é um ser que não depende de ninguém em suas ações. As duas descrições de nascimento se assemelham no início. Radishchev, no entanto, indica que embora seja possível dizer que todos os homens são iguais, isto não significa que todos são livres.

3 As reformas sociais liberalizantes de Pedro, o Grande

Massie (2015) relata que, quando Adam Olearius visitou Moscou nos anos 1630 com a finalidade de buscar privilégios comerciais para o Duque de Holstein, suas descrições evidenciam que a natureza dupla da cidade provocou nele fortes impressões. Olearius, num primeiro momento, ainda ao longe se sente impressionado pelo brilho da capital russa em decorrência das torres das igrejas, o que lhe conferia uma bela aparência. Entretanto, ao entrar na cidade Olearius se vê rodeado por um conjunto desordenado de pequenas moradias emolduradas em madeira e cobertas com relva, ligadas por um “mar de lama” que perpassava as ruas da cidade.

Em seu reinado, Pedro I desafiou a cultura russa com suas reformas, principalmente os círculos mais tradicionalistas, que se opunham veementemente às reformas ao desafiar as crenças e práticas religiosas ortodoxas. Calabresi (2021) considera que a maneira agressiva com que o Czar introduziu as reformas sociais na Rússia resultou em uma resistência que não só era vista como justificável, senão que, também, esperada.

Calabresi (2021) considera compreensível a resistência de parcela dos membros de uma sociedade cuja tradição, identidade, religião e até mesmo aparência pessoal são afetadas por reformas socioculturais. Compreende-se que as reformas sociais e culturais de Pedro foram aplicadas de forma uniforme, incidindo sobre toda a população, embora os estratos mais afetados tenham sido as classes altas. As classes altas normalmente eram vistas como exemplos pelas classes baixas, fazendo com que as reformas se replicassem em toda a população (ZHEBIT, 2005; SEGRILLO, 2016).

Após ter recebido, por assim dizer, a influência da cultura europeia do século XVIII, Pedro, quando retornou à Rússia, buscou se cercar de muitos dos costumes europeus, o que de certo modo obrigou a sociedade russa a renunciar sua identidade e substituí-la por um estilo de vida “moderno” estrangeiro (MASSIE, 2015). Diante dessa situação, é compreensível que os círculos mais tradicionalistas tenham tido um maior nível de dificuldade em se adaptar às reformas (FIGES, 2017). Churro (2013) acrescenta que em 1721 o Czar Pedro I reduziu a autoridade da Igreja ao abolir o Patriarcado e formar um Sínodo Sagrado, que passaria a ficar sob sua autoridade.

O círculo da resistência tradicionalista era composto em grande parte por membros da classe alta que valorizavam os princípios religiosos acima dos decretos do Czar (CHURRO, 2013). Por outro lado, a sociedade russa da época também era formada pelas gerações mais jovens cujos membros abraçaram entusiasticamente as novas modas, fazendo com que apoiassem o Czar, principalmente com a criação do programa de intercâmbio acadêmico criado por Pedro, fazendo com que os jovens pudessem travar um maior contato com a cultura ocidental (FIGES, 2017; MASSIE, 2015).

Churro (2013) acredita que Pedro buscou minar o poder da nobreza ao elevar os plebeus quando as reformas permitiram uma maior mobilidade social entre as classes. O autor considera, além disso, que isso em parte pode ser explicado pelo fato de a juventude do futuro Czar ter sido marcada por diversos conflitos internos envolvendo os *boyardos* (a nobreza da época). Dessa forma, conforme Massie (2015), Pedro teria com as reformas encontrado uma forma de reduzir o poder da nobreza.

De qualquer sorte, quando são analisadas as intenções e os resultados das reformas,

torna-se claro que Pedro não demonstrou qualquer tipo de má vontade para com a aristocracia *boyar* como um todo, chegando a introduzir medidas que aumentaram o prestígio dos nobres, ao restaurar seu *status* tradicional enquanto elite militar, embora dentro de um paradigma ocidental de Estado Nação. Dessa forma, segundo Massie (2015) e Calabresi (2021), conclui-se que foi designado aos nobres novos papéis como líderes civis e militares no novo Estado.

Calabresi (2021) compreende que há uma agenda por trás das reformas sociais promovidas por Pedro, tomando-se como ponto de partida o sistema de taxas cobradas na forma de impostos, a fim de desencorajar aqueles que optassem por não seguir os decretos reais. Os impostos concederam ao público um incentivo para ceder às reformas, ao mesmo tempo em que ainda propiciavam uma avenida para a desobediência civil.

Segundo Figes (2017), os decretos que alteraram a moda russa incluíram o corte da barba dos homens e a troca de suas roupas pela moda europeia à época. A resistência às reformas socioculturais foi retratada por escrito ou mediante outras formas de arte, a fim de enfrentar a reconstrução da moda russa promovida pelo Czar. Aos olhos de Pedro, a reestruturação da Rússia foi um ato benevolente destinado a criar uma sociedade mais funcional e ordenada, à semelhança do Ocidente. Muitos tradicionalistas, contudo, passaram a equiparar o Czar Pedro I com o próprio anticristo.

Compreende-se que, em parte devido às ideias iluministas que varreram a Europa, a servidão havia sido abolida em grande medida do continente, pelo menos no que diz respeito à porção ocidental, o que resultou no aumento da mobilidade social, principalmente com a migração do campo para as cidades. O crescimento do mercantilismo e do capitalismo desencadeou, segundo Segrillo (2016), a Revolução Industrial, que influenciaria nas mudanças radicais das condições socioculturais nas próximas décadas e séculos, ao lado do impacto da Revolução Americana e da Revolução Francesa.

Segrillo (2016) considera que, na Rússia, enquanto alguns Czares, notadamente Pedro e Catarina, desejavam importar alguns dos ideais do Iluminismo, nenhum deles estava ansioso para limitar seus poderes absolutos, tanto que os camponeses permaneceram ligados à terra. A migração urbana e a Revolução Industrial, na Rússia, só começariam realmente depois que os servos foram finalmente emancipados em 1861.

Hobsbawm (2012) destaca que a economia dominante no mundo atual é a industrializada. Os avanços da indústria, sobretudo do navio à vapor e da ferrovia, facilitaram o contato entre os países e o deslocamento das pessoas, bens e serviços, o que outrora era difícil e dispendioso. O historiador também se debruça a explicar como a Revolução Industrial saiu da Grã-Bretanha, embora ela continuasse a liderar a produção industrial, e se desenvolveu em países que começariam a se tornar concorrentes do Império, como a Alemanha, ainda não unificada, e os Estados Unidos da América.

As mudanças significativas acarretadas pela Revolução Industrial incluem uma explosão demográfica como nunca se havia observado na história da humanidade; a comunicação internacional propriamente dita, facilitada pela melhoria das estradas e construção de ferrovias; a emigração dos europeus dentro do próprio continente e, especialmente, para a América; e a intensificação massiva do comércio, seja interna ou externamente. A partir de então, as mudanças que se observarão no mundo até a atualidade foram progressivamente mais visíveis, rápidas e significativas (HOBBSAWM, 2012).

De todas as consequências econômicas da época da revolução dupla, assim compreendidas por Hobsbawm (2012) a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, a divisão entre os países “adiantados” e os “subdesenvolvidos” provou ser a mais profunda e duradoura. Grosso modo, por volta de 1848 estava claro que os países deviam seguir o exemplo do primeiro grupo, isto é, da Europa Ocidental (exceto a Península Ibérica), da Alemanha, do norte da Itália e partes da Europa Central, da Escandinávia, dos Estados Unidos da América e talvez das colônias controladas pelos imigrantes de língua inglesa.

Mas também restava claro que o resto do mundo estava, com exceção de alguns pedaços, muito atrasado ou se transformando em dependências econômicas do Ocidente, sob a pressão informal das exportações e importações ocidentais ou sob a pressão militar das canhoneiras e das expedições militares ocidentais. Até que os russos desenvolvessem, na década de 1930, meios de transpor este fosso entre “atrasado” e “adiantado”, ele permaneceria imóvel, intransponível, e mesmo crescendo, entre a minoria e a maioria dos habitantes do mundo. Nenhum outro fato, para Hobsbawm (2012), determinou a história do século XX de maneira mais firme.

Churro (2013) considera que o aumento dos deveres oficiais dos nobres, combinado com a redução dos privilégios, as alterações no *status* social dos camponeses e a imposição do serviço militar aos comerciantes e aos habitantes da cidade, confirma a opinião dos estudiosos do século XIX no sentido de que as reformas de Pedro levaram à subordinação de todas as classes.

Ou seja, se por um lado os plebeus foram alçados a um patamar acima do anterior, por outro a nobreza foi em larga medida retirada de seu pedestal, o que, segundo Segrillo (2016), configurava um nítido contraste em relação ao Ocidente, onde a velha estrutura patrimonial se desintegrou constantemente e a crescente burguesia, cujos interesses econômicos também eram defendidos, uniu-se à nobreza para apoiar o monarca.

4 Considerações finais

Observou-se, a partir desta pesquisa, que Pedro, o Grande Czar, ao recuperar o controle sobre o trono russo, viajou para o exterior com a finalidade de compensar as lacunas da sua educação. Em outros termos, a viagem, que ficou conhecida como a Primeira Embaixada, supostamente teve como finalidade complementar os deficitários conhecimentos gerais do futuro Pedro I.

Diante do seu interesse pessoal pelas artes manuais e do objetivo da expansão naval do Império Russo, optou pela Inglaterra, Holanda e Veneza como destinos, e, posteriormente, pela França. Como resultado dessas incursões, Pedro promoveu grandes reformas e obras com a finalidade de modernizar a Rússia, que impactaram a mobilidade social do povo russo. Um dos exemplos mais evidentes do seu legado foi a construção de São Petersburgo.

A criação da Academia de São Petersburgo, proposta em relação à qual contou com a ajuda do filósofo, matemático e embaixador Gottfried Leibniz, fez com que adquirisse a reputação de “Rei Filósofo” ou “monarca iluminado”, pelas características de estar profundamente interessado nas obras de arte, bem como no desenvolvimento de diferentes ofícios.

Pedro desafiou a cultura russa com suas reformas, principalmente os círculos mais tradicionalistas, que se opuseram veementemente às reformas socioculturais que desafiavam suas crenças e práticas religiosas ortodoxas, resultando em uma resistência que não só era vista como

justificável, mas, também, esperada. As reformas foram aplicadas uniformemente, embora os estratos mais afetados tenham sido as classes altas, as quais normalmente eram vistas pelas classes baixas como exemplos, fazendo com que as reformas se replicassem em toda a população.

O aumento constante dos deveres oficiais dos nobres, combinado com a redução dos privilégios, a queda do *status* social dos camponeses e a imposição do serviço do Estado aos comerciantes e aos demais habitantes da cidade, confirma a opinião de estudiosos do século XIX segundo a qual as reformas de Pedro levaram à “escravização de todas as propriedades”, o que contrastava com a realidade do Ocidente, onde a velha estrutura patrimonial se desintegrou constantemente e a crescente burguesia, cujos interesses econômicos também eram defendidos, uniu-se à nobreza para apoiar o monarca.

Referências

- CALABRESI, Luis Henrique de Freitas. Considerações acerca da estrutura social da Rússia tsarista. **Fronteiras**, v. 23, n. 41, p. 101-123, 2021.
- CAVALIERE, Arlete O. A Rússia entre Oriente e Ocidente. **Revista de Estudos Orientais**, n. 4, p. 127-145, 2003.
- CESAR, William Carmo. De como a Rússia chegou aos Mares. **Revista Brasileira de História Militar**, Ano XI-Nº 27, p. 20, 2020.
- CHURRO, João Manuel Barroso de Matos. **A Geopolítica enquanto instrumento de afirmação mundial da Rússia**. Tese de Doutorado. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2013.
- DE SÁ, Victor; PEREIRA, Gaspar Martins. Do Porto ao Báltico, 1780: achegas para a história das relações entre Portugal e a Rússia. **História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 7, 2019.
- FIGES, Orlando. **Uma história cultural da Rússia**. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2012.
- MASSIE, Robert K. **Pedro, o Grande: sua vida e seu mundo**. Barueri-SP: Manole, 2015.
- NASCIMENTO, Luciana Marino; SCHEIDT, Ursula. Cartografias literárias pelas noites brancas de São Petersburgo. **Revista Magistro**, v. 1, n. 17, 2018.
- Radishchev, Alexandr Nikolaevich (1958) [1790]. **Uma viagem de São Petersburgo a Moscou**. Cambridge: Harvard University Press.
- SEGRILLO, Angelo de Oliveira. **Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas**: elementos dos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e uma aplicação à análise da Rússia atual. 2016. Tese (Livro Docência em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2018.tde-14092018-162101. Acesso em: 31 mar. 2022.
- TCHERNOV, Serguei. Bodega de Moscou. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, n. 2, p. 83, 1995.